

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
FISIOTERAPIA

VITÓRIA TEIXEIRA CABRAL

GÊNERO E ESPORTE: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS DO
RIO DE JANEIRO

Uberlândia
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
FISIOTERAPIA

VITÓRIA TEIXEIRA CABRAL

GÊNERO E ESPORTE: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO
DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado

VITÓRI TEIXEIRA CABRAL

GÊNERO E ESPORTE: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE
MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal de Uberlândia, Campus Educação Física.

Membros componentes da Banca Examinadora:

Orientador: _____

Prof. Dr. Vagner Matias do Prado.

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU)

2º Examinador: _____

Profª. Dra. Sônia Bertoni.

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU)

3º Examinador: _____

Profª. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz.

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU)

UBERLÂNDIA

2018

Dedico este trabalho a mim mesma e aos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Universo por ter me proporcionado uma família e amigxs como os meus, pelas experiências vividas até o momento presente e pelas muitas outras que ainda virão. "No fim das contas, são as pessoas que fazem a diferença." (Bernardinho)

Por isso, nesse ciclo que se encerra, acredito que agradecer àqueles que estiveram comigo é de suma importância. Pessoas que estiveram me apoiando, aconselhando, dando broncas ou apenas observando enquanto eu traçava o meu caminho.

Com toda a certeza, agradeço à minha família pelo apoio incondicional e por sempre me incitarem a ser a melhor versão do que posso ser. Agradeço principalmente a minha mãe, que durante minha vida me ensinou a ser uma mulher forte e batalhadora; e, apesar de termos nossas diferenças, as nossas similaridades são maiores e criam esse laço lindo e incrível entre nós.

Agradeço aos (muitos) amigxs por estarem sempre comigo e me aturarem como sou (principalmente os que acompanharam de perto toda a minha graduação, meus sonhos vividos e meu trabalho tomando forma).

Agradeço também aos meus professores, que, algumas vezes, acabam exercendo funções além do magistério. Em especial ao meu orientador, Professor Vagner Matias, por toda a dedicação para me ajudar a escrever este trabalho do qual me orgulho muito e por me ajudar nessa descoberta do que é ser mulher.

Agradeço à Banca Examinadora, Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz (FACED/UFU) e Profa. Dra. Sônia Bertoni (FAEFI/UFU), por aceitarem o convite para comporem a Banca e ajudarem em minha evolução como estudante.

Por fim, agradeço todas as mulheres, principalmente as que fazem parte da minha vida. Minhas avós Glória e Divani, tias, primas, madrinhas e amigas, cada uma em uma maneira diferente e especial, conseguem fazer com que eu me sinta mais forte e corajosa no meu dia a dia.

Uma nova etapa se inicia e, sem vocês, meus sonhos não poderiam nem existir.

RESUMO

Representações de machismo e sexismo ainda são fortemente visíveis na sociedade e o esporte, como fenômeno social, também é atravessado por tais práticas. Nesse sentido, os objetivos do presente trabalho se constituíram em compreender de que maneira a mídia esportiva retratou a performance de mulheres atletas durante a edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, bem como avaliar de que maneira discursos machistas perpassam (ou não) essas representações. A pesquisa se caracterizou pela abordagem qualitativa do tipo documental e o corpus empírico foi constituído por três reportagens veiculadas no *web* jornal *El País-Brasil*. Os resultados foram analisados a partir da elaboração de três categorias: 1) Reportagens que focavam a estética corporal de atletas e não suas performances; 2) Reportagens que, mesmo com o feito da atleta, evocavam figuras masculinas para “explicar” ou erotizar suas performances; e 3) Reportagens que visavam comparar as performances das mulheres com atletas homens”. A partir dos resultados infere-se que a representação da mídia sobre os Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil (re)produz o machismo e a misoginia, pois, a partir das análises das reportagens, percebeu-se que há uma subjugação da mulher no âmbito esportivo, seja por meio de ridicularização de seu corpo, comparação com o masculino ou colocando-a à sombra do homem.

Palavras-chave: Mulheres no esporte. Machismo. Jogos Olímpicos. Rio 2016. Esporte de Rendimento.

ABSTRACT

Representations of male chauvinism and sexism are still strongly visible in society and the sport as a social phenomenon, is also traversed by such practices. That being, the objectives of the present work were to understand how the sports media portrayed the performances of women athletes during the edition of the Rio de Janeiro Olympic Games in 2016, as well as evaluate how chauvinist discourses permeate (or don't) these representations. The research was characterized by the qualitative approach of the documentary type and the empirical corpus was constituted by three reports published in the web newspaper *El País-Brazil*. The results were analyzed through the elaboration of three categories: 1) "Reports that focused on the athletes' body aesthetics and not their performances", 2) "Reports that, even with the athlete's feat, evoked male figures to 'explain' or eroticize their performances" and 3) "Reports that aimed to compare the performances of women with male athletes." From the results it is inferred that the representation of the media on the 2016 Olympic Games in Brazil (re)produces male chauvinism and misogyny because from the analysis of the reports, it was noticed that there is a subjugation of the woman in the sports sphere, either by means of ridicule of his body, comparison with the masculine or placing it in the shadow of the man.

Keywords: Women in Sport. Male Chauvinism. Olympic Games. Rio 2016. Performance Sport.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Objetivo geral	9
1.2	Objetivos específicos	9
2	REVISÃO DE LITERATURA	10
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1	Abordagem e tipo de pesquisa	15
3.2	Procedimentos para geração de dados	15
3.3	Delimitação do universo	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1	A estética corporal e o desempenho das atletas	22
4.2	“Graças a seu marido”: a performance da mulher no mundo atlético e a subjugação ao domínio masculino	24
4.3	O “homem” como medida padrão para o cenário esportivo: necessidade de desconstrução?	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO A	35

1 INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno cultural atravessado por várias relações socioculturais. Dentre essas relações, podemos problematizá-lo a partir da ótica dos estudos de gênero para saber qual a visibilidade e como a mulher-atleta é representada nesse cenário. Nesse sentido, caberia indagar como se deu essa representação por meio da veiculação de reportagens da mídia esportiva sobre mulheres atletas que participaram da última edição dos Jogos Olímpicos.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar reportagens veiculadas pela mídia esportiva sobre a participação feminina nos Jogos Olímpicos, sediados na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Os objetivos específicos são: compreender de que maneira as reportagens delimitadas representaram algumas mulheres atletas, participantes dos Jogos Olímpicos de 2016; Avaliar se e de que maneira o discurso machista perpassa essas representações. O material analítico se constituiu em três reportagens veiculadas no jornal *El País-Brasil*.

Nesse sentido, o presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento apresentaremos uma revisão de literatura sobre machismo, sexismo e suas influências no esporte. Posteriormente apresentaremos o delineamento metodológico seguido dos resultados e discussão. Por fim, as considerações finais.

1.1 Objetivo geral

Analisar reportagens veiculadas pela mídia esportiva sobre a participação feminina nos Jogos olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 a partir da problematização sobre nove reportagens veiculadas no jornal *El País-Brasil*.

1.2 Objetivos específicos

- Compreender de que maneira as reportagens delimitadas representaram as mulheres atletas participantes dos Jogos Olímpicos de 2016;
- Avaliar se e de que maneira o discurso machista perpassa essas representações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No contexto atual percebe-se que mesmo com dispositivos legais, como a Lei Maria da Penha, que visa garantir a integridade física de mulheres, muitos casos de violência de gênero vem à tona. Os estudos que pretendem enfatizar essas formas de violência, muitas vezes, alocam como causas estruturantes desses processos o machismo e o sexismo presentes nas sociedades ocidentais (PROCÓPIO; VALENÇA, 2016; BELTRÃO; ALVES, 2009; PED-RMPA, 2000).

De acordo com o Hirata (2009, p. 178), o termo sexismo nos remete a pensar no processo de "dominação masculina", que é exercido “na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2001, p. 461). A partir dessa perspectiva, são atribuídas funções prestigiosas aos homens e tudo relacionado ao masculino, e às mulheres, tarefas subjugadas.

Quando nos referimos ao machismo, temos como um primeiro significado a noção de "opressão das mulheres" (HIRATA, 2009, p. 178). Já, segundo Drumont (1980, p. 85, destaques da autora), "o machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher.". Para Castañeda (2006, p. 16), o machismo se configura como:

[...] um conjunto de crenças, atitudes e condutas, que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes.

Tanto o termo sexismo quanto machismo nos remetem a problematizar as relações de desigualdades entre homens e mulheres no contexto social. São produções culturais que se ancoram nas assimetrias produzidas pelas relações de gênero e que contribuem para a subjugação da mulher e do considerado como feminino.

Segundo Scott (1987 apud LOURO, 1997, p. 30) homem e mulher são vistos como "polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão", sendo o primeiro termo sempre considerado como superior ao segundo. Essa visão permite criar diferenciações sociais entre os gêneros e hierarquizar os sujeitos a partir da perspectiva androcêntrica, ou seja, o homem como centro do universo (MORENO, 1999).

Cabe ressaltar que quando trabalhamos conceitualmente com o termo gênero, não estamos nos referindo a sexo. Segundo Scott (1995, p. 75, destaques da autora), "o termo 'gênero' torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres".

Dessa maneira, o conceito de gênero opera na desconstrução da ideia de que homens e mulheres possuem “papéis” definidos em decorrência de seus sexos. Essa forma de pensamento coloca o homem em posição sociocultural “superior” em relação à mulher e contribuiu para a construção de várias formas de opressão e violência contra a mulher, subjugando o considerado como feminino.

Apesar de algumas demonstrações do machismo serem passíveis de sanções, percebemos diversas manifestações desse comportamento. Essas atitudes se fazem presentes em várias esferas sociais, como "no ambiente familiar, no trabalho, nas instituições educacionais e nos espaços públicos" (PROCÓPIO; VALENÇA, 2016, p. 1). O machismo, por ser produzido a partir de um pensamento binário que categoriza os seres humanos apenas em duas possibilidades de existência (homem ou mulher), inferioriza a posição da mulher na sociedade e desvaloriza tudo relacionado ao gênero feminino.

São vários os impactos do machismo no contexto sociocultural. Um exemplo poderia ser creditado às diferenças e dificuldades para o acesso e permanência de mulheres na escola (BELTRÃO; ALVES, 2009). Outro impacto refere-se às diferentes formas de violência que atingem as mulheres. Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre - PED-RMPA (2000), famílias chefiadas por mulheres têm uma renda aproximadamente 40% menor do que aquelas com chefes homens. Esse rendimento inferior é diretamente ligado às desigualdades que atingem as mulheres em vários seguimentos sociais e que se manifestam no mercado de trabalho, como "segregação ocupacional, rendimentos inferiores, maior risco de desemprego" (GALEAZZI, 2001, p. 63).

A partir do momento em que a sociedade acredita e age de acordo com a visão binária em que a mulher é considerada como “inferior” ao homem e deve se submeter às vontades dele, o machismo se torna uma forma de violência, inclusive no contexto familiar. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2014, p. 4), "a família patriarcal organiza-se em torno da autoridade masculina; para manter esta autoridade e reafirmá-la, o recurso à violência – física ou psicológica – está sempre presente, seja de maneira efetiva, seja de maneira subliminar."

Segundo o site do Senado Federal¹, a violência contra a mulher se constitui por “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (BRASIL, 2017, p. 1).

As taxas de violência doméstica contra a mulher são tão altas, que se criou um termo para essa conduta: feminicídio. Meneghel e Hirakata (2010) explicam que esse termo se refere à manifestação de relações de poder desiguais entre homens e mulheres que resultem na morte de uma ou mais mulheres como resultado de seu gênero. Mais da metade de todos os homicídios femininos são causados por desigualdade de gênero (MENEGHEL; HIRAKATA, 2010).

A violência física está presente no cotidiano das mulheres, todavia, esse tipo de violência é apenas uma das várias existentes. Segundo a Lei nº11.340 (BRASIL, 2006), são formas de violência contra a mulher a psicológica, a sexual, a patrimonial e a moral. O site Relógios da Violência² do Instituto Maria da Penha apresenta dados sobre a agressão contra mulheres. Segundo a fonte, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal; a cada 6.9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição; a cada 4,6 segundos, uma mulher é assediada no trabalho. nesse sentido, podemos hipotetizar que as relações assimétricas de gênero, o sexismo e o machismo são as bases que constroem e legitimam a violência contra a mulher.

Como explicitado, existem diversas maneiras de se reproduzir o machismo: violência física, verbal e psicológica, opressões etc. Um exemplo que explicita tais formas de agressão são as diversas reportagens veiculadas por meios de comunicação que apresentam conteúdos depreciativos sobre a mulher. Vários autores citam a mídia como um meio de opressão e dominação do corpo feminino (WOLF, 1998; VIGARELLO, 2006; RISCADO; PERES, 2008), gerando um impacto negativo, principalmente, na vida das mulheres (BERTOLIN; CONTI; PERES, 2008).

A respeito do conceito de mídia, Guazina (2007) deixa claro que ainda não há uma definição para este termo. Ela pode ser entendida como um “conceito-ônibus, que carrega sentidos ligados ao passado de mero instrumento, canal ou meio de comunicação” (GUAZINA, 2007, p. 62). E, ainda, que “pode significar uma ampla gama de fenômenos, acontecimentos e transformações que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing” (GUAZINA, 2007, p. 55).

As desigualdades entre homens e mulheres podem ser observadas em diversos

¹ Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

² Cf. <http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>

espaços sociais, inclusive no campo de atuação profissional. Não raro, mulheres atletas são alvos de comentários depreciativos, erotizados ou que utilizam o homem como medida para avaliar suas performances.

O esporte de alto rendimento é um fenômeno cultural e, por isso, não está isento de demonstrações de preconceitos. Mulheres atletas sofrem com o machismo e a misoginia que se estabelecem nas diferentes modalidades (GOELLNER, 2007a; MOURÃO, 2000). Pode-se observar que mulheres atletas, em algumas situações, são alvo de ofensas e insultos machistas por parte da torcida, de outros/as atletas e, inclusive, da mídia esportiva como, por exemplo, o caso da jogadora de vôlei da República Dominicana Winifer Fernández que é representada a partir de adjetivações eróticas sobre seu corpo, fato que oculta uma avaliação sobre sua performance em quadra.

O esporte foi criado pelos homens e apenas para homens (PFISTER, 2003). Todavia, as constantes modificações sociais, entre elas, as lutas por representação social, possibilitaram com que as mulheres reivindicassem o esporte como meio de expressão e profissionalização. Cada vez mais mulheres começam a praticar esportes, tornando-se atletas profissionais com visibilidade em diferentes competições, inclusive nos Jogos Olímpicos.

Apesar de terem conquistado espaço nesse meio, não ganharam, necessariamente, o mesmo respeito e visibilidade que os homens. Alguns estudos acadêmicos apontam que mulheres atletas sofrem diversos tipos de adjetivações preconceituosas sobre seus corpos e atuações (JAEGER, 2006; GOELLNER, 2016; MOURÃO, 2000). Isso não se aplica apenas a mulheres atletas, mas também a toda representação feminina que circula nas relações sociais estabelecidas pelo esporte como, por exemplo, mulheres que compõem equipes técnicas, de arbitragem, consumo de equipamentos esportivos e/ou como telespectadoras e atletas trans³.

Casos de machismo são relatados todos os dias na mídia esportiva. Uma análise dos Jogos Olímpicos pode nos render diferentes pontos para reflexão de como essa prática de hostilização é presente no mundo dos esportes. Um exemplo dessa prática foi a maneira com que os jornais expuseram a atleta Ingrid, dos saltos ornamentais. Durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, ela se envolveu com outro atleta brasileiro, Pepê, da canoagem *slalom*, e eles passaram uma noite juntos no quarto da saltadora. O fato virou notícia e Ingrid foi alvo de ofensas e xingamentos, enquanto Pepê ganhou popularidade como "*boy magia*"⁴.

³ Cabe destacar o recente caso da jogadora de vôlei da equipe do Vôlei Bauru, Tiffany Abreu, que tem a sua atuação questionada por ser uma atleta trans competindo em uma equipe feminina da Superliga.

⁴ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/projeto-toquio/noticia/pepe-lembra-caso-com-ingrid-na-rio-2016-e-diz-que-machismo-prejudicou-saltadora.ghtml>>. Acesso em: 21 de nov. 2017.

No que se refere aos Jogos Olímpicos da Era Moderna, as mulheres apenas começaram a participar das competições no ano de 1900 e com várias restrições (GOELLNER, 2016). As duas únicas modalidades oferecidas foram golfe e tênis, contando apenas com 16 participantes. Segundo Goellner (2016), modalidades consideradas masculinas, como as lutas, apenas foram abertas a elas após um século de existência dos Jogos.

Enquanto os homens sempre foram incentivados a praticar esportes, as mulheres eram afastadas desse cenário, inclusive por dispositivos jurídicos. No Brasil, houve o Decreto-Lei 3.199/91 que proibia mulheres de praticarem esportes incompatíveis com o organismo feminino (considerado como frágil, delicado etc.). Dessa maneira, modalidades de lutas, futebol de salão, rúgbi e o halterofilismo, por exemplo, não poderiam ser praticadas por mulheres (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016; SALVINI; JÚNIOR, 2013).

É comum que mulheres atletas sofram preconceito de gênero, principalmente se elas praticarem esportes considerados como masculinos, ou seja, aqueles que são representados como mais “agressivos” e “violentos” (LOVISOLO; BENTO; MOURA; SANTOS, 2010). Ao se tornarem atletas dessas modalidades, automaticamente, surge certa especulação sobre sua orientação sexual, presumindo-se que são lésbicas, contrariando o social normativo.

É possível perceber essa desvalorização no estudo de Lovisolo, Bento, Moura, Santos (2010) que por meio de entrevistas com jogadoras de um clube de futebol feminino e uma atleta de *Mixed Martial Arts* (MMA), atestam a vivência do preconceito. Os autores constataram que as participantes tiveram que provar que eram “tão boas” quanto os meninos nos esportes, quase que como um rito de passagem. Além disso, a questão de não deixar a “feminilidade” de lado sempre esteve presente. Ou seja, era cobrado delas sempre estarem arrumadas e “bonitas”, às vezes por parte de seus dirigentes e algumas vezes por parte delas mesmas – como foi o caso da atleta de MMA (LOVISOLO et al., 2010).

Em outro estudo sobre atletas de MMA, Fernandes, Mourão, Goellner e Grespan (2015) mostram, a partir de entrevistas com três atletas da modalidade, que elas sentiam sempre a necessidade de, fora do ringue, reafirmar a feminilidade normalizada. Ou seja, aparecerem em eventos e darem entrevistas maquiadas e com roupas consideradas femininas, além de apresentar gestos delicados.

Além do futebol e das lutas, esportistas do rúgbi, conforme mostra o estudo de Moura, Starepravo, Rojo, Teixeira, Moraes e Silva (2017), também são alvos de marcações depreciativas por praticarem um esporte considerado como masculino. De

acordo com os autores, muitas pessoas passam a questionar a orientação sexual dessas atletas. Tal pensamento pode ser creditado ao imaginário social que preconiza que o rúgbi é um esporte para homens, dessa maneira, mulheres que o praticam seriam, necessariamente, lésbicas⁵.

Em relação às atletas e o modo com que elas são retratadas pela mídia, há grande disparidade quando relacionado com os homens. Goellner (2007b), em seu artigo explicita esse fato, tendo como exemplo a maneira com que a morte de uma alpinista inglesa foi retratada por um jornal inglês. A atleta registrou várias conquistas durante sua carreira e morreu quando descia a montanha K2⁶. A mídia a representou como "uma mãe inapta e 'obcecada' pelo desejo de chegar ao topo" (GOELLNER, 2007b, p. 3) (destaque da autora). Na mesma época, dois alpinistas homens morreram enquanto desciam a mesma montanha e foram retratados "como homens 'de grande integridade e tremenda estatura'." (GOELLNER, 2007b, p. 3).

Nesse mesmo estudo, Goellner (2007b) explicita o fato de que as mulheres atletas são retratadas pela mídia por sua beleza, e não pelas suas habilidades motoras. A centralidade está sempre no fato delas serem bonitas e terem corpos esculturais, ao invés de se destacarem pelas horas incessantes de treinos e investimentos no esporte.

Nesse sentido, para o contexto atual caberia indagar: a representação dos esportes como cenário masculino e casos de machismo direcionados às mulheres atletas ainda são possíveis de serem visibilizados? De que maneira as atletas são representadas pelo social? Mais especificamente, de que modo a mídia esportiva representou mulheres atletas a partir da cobertura dos Jogos Olímpicos sediados no Rio de Janeiro em 2016?

⁵ Cabe destacar que compreendemos a lesbianidade como uma expressão possível do desejo que é negativizada com base nas normas regulatórias pautadas na heteronormatividade.

⁶ A montanha K2 é a segunda maior montanha do mundo, com 8.611 metros de altura. Está situada ao norte do Paquistão, em um maciço de montanhas que se chama Karakorum, a porção ocidental e mais selvagem do Himalaia. Cf. <http://www.niclevicz.com.br/o-projeto-k2-parte-um/>

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa

A pesquisa realizada caracterizou-se como de abordagem qualitativa, com delineamento de análise documental. Segundo Martins (2004), a pesquisa qualitativa analisa as relações sociais através de microprocessos. Uma de suas características é a flexibilidade, especialmente em relação à técnica de coleta de dados (MARTINS, 2004).

O trabalho de pesquisa não precisa, necessariamente, do contato direto do pesquisador com os indivíduos que serão estudados. Dessa maneira, os documentos são também grande fonte de geração de dados (GODOY, 1995). A presente pesquisa utilizou reportagens veiculadas em *web* jornais como fonte para análise de material.

A pesquisa documental é definida como "o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares" (GODOY, 1995, p. 21). Esses materiais podem ser jornais, revistas, diários, cartas etc. Uma das vantagens desse tipo de análise é que se pode pesquisar sobre indivíduos os quais o acesso físico não é possível.

Segundo Cellard (2008), documentos escritos são uma fonte importante para pesquisadores das Ciências Sociais. Para facilitar a análise dos mesmos, o autor divide os documentos em duas categorias: documentos públicos e privados. O primeiro pode ser dividido em arquivados e não arquivados. Neste último, inclui-se: "os jornais, revistas, periódicos e qualquer outro tipo de documentos distribuídos: publicidade, anúncios, tratados." (CELLARD, 2008, p. 297), portanto, pode-se considerar reportagens jornalísticas como documentos passíveis de análise.

Nesse sentido, reportagens veiculadas por meios de comunicação também podem ser consideradas como documentos a serem analisados.

3.2 Procedimentos para geração dos dados

As reportagens que compuseram nosso campo analítico foram pesquisadas no portal *Google* com as palavras-chave "machismo", "Rio 2016" e "Olimpíadas Rio de Janeiro". Após essa pesquisa e a leitura de diversas reportagens que retratavam o machismo no esporte, foi encontrado, no site *El País – Brasil*, uma compilação de nove (9) conteúdos que, originalmente, foram publicados em diferentes portais online e divulgados na época das Olimpíadas do Rio de Janeiro. Com base nesse levantamento acessamos o portal, disponibilizado pela pesquisa no *Google* para ter acesso ao material a ser analisado.

3.3 Delimitação do Universo

A partir do levantamento inicial via ferramenta *Google*, selecionamos nove reportagens que foram veiculadas em portais *online* na época dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Essas reportagens foram combinadas em um só artigo no site da revista *El País – Brasil*. Ou seja, as nove reportagens analisadas são de diversos *websites* e o site *El País – Brasil* as compilou em apenas uma publicação.

O *website* foi selecionado devido a sua visibilidade no cenário nacional e internacional. Além de ser o jornal mais lido na Espanha, a edição brasileira está entre os seis webjornais mais lidos no país (EL PAÍS, 2016)⁷. Segundo o site do jornal *El País* (2016), com apenas quatro anos de existência, o jornal se transformou em referência, somando 6,5 milhões de leitores no mês de setembro de 2017. Neste mesmo mês, o número de visitas aumentou 22% em relação ao ano anterior.

Nesse sentido, nosso pressuposto é de que, devido ao crescente aumento do número de acessos (EL PAÍS, 2016), as nove reportagens foram visibilizadas por um grande número de leitores/as, cabe ressaltar que as mesmas reportagens foram veiculadas pelo site *Centro de Estudos Das Relações de trabalho e desigualdade*⁸, fato que aponta que foram veiculadas e divulgadas de maneira a atingir o maior número de leitores/as possíveis.

Todavia, das nove reportagens foram criados alguns critérios para a seleção do conteúdo que passaria pelas análises devido a algumas apontarem para temas similares. Assim, após a leitura do material foram criadas categorias temáticas para agrupar matérias que se assemelhassem. As categorias elaboradas foram: 1) reportagens que focassem a estética corporal de atletas e não suas performances; 2) reportagens que, mesmo com o feito da atleta, evocavam figuras masculinas para “explicar” ou erotizar suas performances; 3) reportagens que visavam comparar as performances das mulheres com atletas homens.

⁷ Cf. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/22/actualidad/1479853627_478107.html

⁸ Cf. www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/12901/os-9-titulos-mais-machistas-dos-jogos-olimpicos-do-rio

Quadro 1 - Divisão das nove reportagens por categorias temáticas

Categorias	Número de reportagens
Reportagens que focavam a estética corporal de atletas e não suas performances	5
Reportagens que, mesmo com o feito da atleta, evocavam figuras masculinas para “explicar” ou erotizar suas performances	2
Reportagens que visavam comparar as performances das mulheres com atletas homens	2

Fonte: a autora.

Nesse sentido, optamos, devido a questões temporais para a realização e conclusão da investigação, analisar uma (1) reportagem de cada categoria para problematizar se (e até que ponto) tais conteúdos reproduzem a ideia de machismo. A escolha foi realizada de maneira aleatória. Procedemos então com um sorteio, em cada categoria, para compormos nosso campo analítico.

A partir de sorteio, a reportagem analisada do primeiro grupo foi “A goleira “sem complexos” que pesa 98 quilos e come hambúrgueres?”. Da segunda categoria: “Hosszu, a nadadora que bateu o recorde mundial “graças a seu marido””. Para a última reportagem “Katie Ledecky é muito boa porque “nada como um homem” – Ryan Lochte”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A estética corporal e o desempenho das atletas

A reportagem “A goleira ‘sem complexos’ que pesa 98 quilos e come hambúrgueres?” apresenta em seu conteúdo as seguintes informações:

O jornal esportivo *Marca* registrava a surpresa dos fãs diante da “destreza” da goleira do time de feminino de handebol de Angola, Teresa Almeida, apesar de seu “sobrepeso”. **“Teve cerca de 34% de acertos, mas o que realmente cativou o pessoal foi sua flexibilidade com o corpo que tem”**, diz um artigo totalmente focado no físico da esportista. Por mais que a própria Almeida fale com a publicação sobre seu corpo e dê várias declarações sobre como se sente sendo a **“goleira da gordura”**, o que verdadeiramente indignou o Twitter foi a forma como o jornal *vendeu* a notícia nas redes sociais. Os ícones que acompanham o título (a saber: hambúrgueres, batatas fritas e um gato morrendo de rir) só aumentaram a polêmica. O tuíte da discórdia foi apagado. (EL PAÍS-BRASIL, 2016, grifos nossos).

A reportagem ainda afirma que a atleta, mesmo considerada como “gorda” pelo jornalista, **“Teve cerca de 34% de acertos, mas o que realmente cativou o pessoal foi sua flexibilidade com o corpo que tem”**. A análise a ser realizada se relaciona com a “incapacidade” de demonstração de altas habilidades e capacidades para os corpos que fogem do padrão. Como a “gorda” poderia ser tão flexível?

Sabe-se que a flexibilidade é uma valência física extremamente importante para o bom desempenho atlético, principalmente em atletas de alto rendimento. O handebol exige grande amplitude de movimento de membros inferiores e superiores para que seja possível a defesa em “X” e de bolas baixas (SOUZA, 2009). Dessa maneira, levando em conta que a atleta angolana era a goleira titular da seleção nacional, representando seu país no maior evento esportivo do mundo, não é de se imaginar que são realizados trabalhos diários para que essa valência física amplie sua capacidade? Qual seria então a justificativa para o espanto do repórter?

O esporte também é um campo normatizador de corpos (ADELMAN, 2003). O que parece demonstrar espanto são os contornos corporais da atleta, que foge do padrão esperado para quem se submete a extenuantes horas de treinamento físico.

Controlar o corpo feminino pode ser considerado uma manobra do machismo para exercer poder sobre a mulher e dominar suas ações. Segundo Castañeda (2006), o machismo dita várias regras sobre o que é “ser” homem e o que é ser mulher, dessa maneira, cabe aos homens decidir o que é bonito ou não para o gênero oposto, e “aquela” que não se adequar ao padrão, passará a ser desqualificada.

Esse controle ainda é exercido no esporte. A mídia, principalmente, faz questão de sempre mostrar à mulher como ela deve se adequar dentro do padrão magro, esbelto e atrativo (ADELMAN, 2003; GOELLNER, 2007a; FERNANDES et al., 2015). Assim, mulheres que possuem corpos destoantes, que não se enquadram, quebram barreiras e são consideradas “anormais”, sendo motivo de insinuações como a descrita na reportagem.

Além disso, a falta de flexibilidade está relacionada à inatividade física e não ao peso corporal. Ou seja, uma pessoa sedentária, ainda que magra, pode ser menos flexível que a atleta “gorda” angolana.

De acordo com Gerardo Riquelme (jornalista responsável pela matéria), apesar da goleira angolana ter sido responsável pelo bronze de seu país (diante da Noruega), o que mais chamou a atenção foi o seu corpo. Teresa possui 1,70m e 98kg, sendo considerada gorda para uma atleta de alto rendimento. Ou seja, a mídia ofusca as competências da atleta e foca em seus atributos físicos.

A beleza é uma construção social com valor normativo e serve para o controle dos corpos, revelando relações de poder. Erotizar, objetificar e padronizar o corpo de mulheres a partir de modelos arbitrários reconhecidos como “ideais” mulheres é uma maneira de dominar o corpo feminino (BARRETO, 2016).

Sendo assim, um corpo feminino que se afasta do padrão considerado “normal” é alvo de olhares tendenciosos. No caso da reportagem, tais olhares impedem de analisar o desempenho da atleta com base em critérios de capacidade física e habilidades motoras, focando a atenção para um “corpo fora da norma”, estranho, esquisito.

O destaque dado pela reportagem ao atribuir o adjetivo de “goleira da gordura” à atleta, remete a pensar em uma estratégia de desqualificação de seu corpo. Assim, o padrão estético que se espera para as mulheres seria aquele “magro, livre de gorduras indesejadas” (SIQUEIRA; FARIA, 2007, p. 179). Ou seja, a “gordura” é uma característica que deve ser extirpada de um corpo, principalmente dos considerados como “femininos”.

De acordo com Siqueira e Faria (2007), a mídia possui grande influência na construção de padrões estéticos, e certos discursos fazem parecer como se não houvesse outra opção a não ser se encaixar na estética divulgada “correta”. Os autores ainda enfatizam que revistas femininas mostram que o corpo considerado como “bonito” é o musculoso e esbelto, o que possibilita com que a indústria da “beleza” venda diversos

métodos – com a ajuda de profissionais - para que as mulheres consigam alcançar o “corpo ideal”.

A reportagem reproduz o que Souza, Caprao e Jensen (2017) atestam ser muito comum desde os primórdios do jornalismo esportivo em relação às mulheres: desvia a atenção do feito esportivo e foca para seus corpos.

Ao analisarem crônicas esportivas Souza, Caprao e Jensen (2017) argumentam que o corpo, a beleza ou a graciosidade das atletas se transforma no foco dos registros. Um exemplo citado pelos autores explicita que mesmo os uniformes de atletas de certas modalidades, como do vôlei feminino, parecem ser escolhidos como uma estratégia de marketing para chamar a atenção masculina, como se as atletas estivessem ali para serem exibidas para “homens”.

Dessa maneira, não caberia indagar: será as atletas têm liberdade para construir os seus corpos de acordo com o que acham adequado? Ou a mídia influencia na fabricação de um “corpo ideal” para que as atletas possam ser reconhecidas como profissionais e consideradas como femininas? Nesse sentido parece que nem todas as modalidades são “adequadas” para mulheres, pois, as que possuem características masculinizantes não produzirão os corpos “ideais”.

Sendo assim, por que chamar a atenção, na reportagem, para o corpo feminino em uma tentativa de menosprezar o corpo da atleta em foco? Ao nomeá-la de “goleira da gordura”, o texto desqualificar sua performance, afirmando que “o que realmente cativou o pessoal foi sua flexibilidade”, mesmo apresentando um corpo fora dos padrões atléticos divulgados.

4.2 “Graças a seu marido”: a performance da mulher no mundo atlético e a subjugação ao domínio masculino

Já a reportagem "Hosszu, a nadadora que bateu o recorde mundial 'graças a seu marido'" foca na representação do marido, ao invés da atleta, como justificativa para seu desempenho:

No sábado passado, a nadadora húngara Katinka Hosszu quebrou o recorde mundial nos 400 metros, um feito que conseguiu “**graças a seu marido**”, segundo alfinetou ao vivo Dan Hicks, comentarista da rede de TV *NBC*. “**Ele é a pessoa responsável por este triunfo. É preciso notar como mudou a motivação dela desde que começou a ser treinada por ele. É medo ou confiança o que a está ajudando neste processo?**”, comentou o jornalista. Parece que Hicks esqueceu que a nadadora já foi campeã da Europa em 2010 (para citar apenas um dos títulos que ostenta), dois anos antes que seu atual marido começasse a treiná-la e três anos antes de se casar com ele. (EL PAÍS-BRASIL, 2016) (Grifos nossos).

Segundo o comentarista da TV NBC (*National Broadcasting Company*), veículo original de veiculação da reportagem que foi compilada pela r a nadadora húngara apenas conseguiu quebrar o recorde mundial por ter sido treinada pelo seu marido, tirando totalmente o mérito da atleta, que treinou, incessantemente, para os Jogos Olímpicos. Apesar de já ter conquistado vários títulos antes que seu marido fosse seu treinador, tal fato foi ignorado pelo comentarista que atribuiu o mérito da atleta a uma figura masculina.

Como explicado anteriormente, o machismo é um conjunto de relações sociais baseadas em dois pensamentos básicos: o de “superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes” e a polarização dos sexos, ou seja, “uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual não são apenas diferentes, mas mutuamente excludentes” (CASTAÑEDA, 2009, p. 16). O conceito proposto pela autora parece encontrar nos esportes um cenário produtivo, pois, a própria reelaboração dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, proposto por Pierre de Coubertain, foi considerado como um espaço de visibilidade masculina no qual a mulher, como “ser inferior”, não teria espaço. A entrada no mundo esportivo era policiada com a intenção de as mulheres dele se afastassem, pois “elas” poderiam “sujar” aquele lugar destinado à vitória dos homens (GOELLNER, 2016).

Dessa maneira, o esporte ainda parece carregar representações de que a mulher é inferior ao homem, usando de mecanismos que coloquem o feminino à sombra do masculino. Na reportagem em análise percebe-se tal fato quando o repórter enaltece a figura masculina (a do marido e técnico) como responsável pela alta performance da atleta, ou seja, aloca a mulher à “sombra do homem”.

Castañeda (2009) mostra que o machismo se reproduz ao invisibilizar mulheres, deslegitimando tudo relacionado a elas. Dessa maneira, quando a reportagem destaca que o desempenho da atleta só foi possível “graças a seu marido” percebemos que a conquista feminina foi “esquecida” e atribuída ao homem.

A mesma autora ainda argumenta sobre como a desqualificação é uma “arma privilegiada do machismo” (CASTAÑEDA, 2009, p. 108). Como no esporte o homem é considerado superior à mulher, desqualificar suas qualidades e triunfos é uma maneira de estabelecer seu poder sobre elas. Portanto, a partir do momento em que a reportagem afirma que **“ele é a pessoa responsável por este triunfo. É preciso notar como mudou a**

motivação dela desde que começou a ser **treinada por ele**. É medo ou confiança o que a está ajudando neste processo?” o comentarista desqualifica toda a preparação da atleta, seu desempenho na competição, desvelando como o cenário esportivo ainda é machista e que pode ser considerado como uma estratégia privilegiada do homem para subjugar a mulher.

O estudo de Mourão (2005) sobre o futebol feminino mostra a dificuldade na aceitação dessa modalidade no Brasil. Como é um esporte que faz parte do imaginário como componente do “universo masculino”, quando as mulheres começaram a praticá-lo, não raro, são vistas com espanto. Muitas vezes o futebol feminino foi visto como piada, chacota; outras vezes as performances das atletas eram subjugadas e invisibilizadas pela sua aparência (MOURÃO, 2005). Ou seja, por mais que treinassem e conquistassem o seu espaço naquele esporte considerado “masculino”, sempre se achava uma maneira de desmerecer às mulheres que se lançavam (se lançam) a sua prática.

Goellner (2012) aponta diferenças no esporte de alto rendimento entre as modalidades femininas e masculinas. Além da menor visibilidade, as atletas femininas sofrem com menor incentivo, salários, patrocínios e premiações. Isso sem contar os casos de assédio sexual e moral que são comuns nesse meio esportivo. No entanto, se, independente do gênero, mulheres e homens podem ser atletas, muitas vezes da mesma modalidade, por que ainda existem tantas desigualdades?

Posto isso, percebe-se que o cenário esportivo é altamente androcêntrico e tudo que confronta essa ideia, sofre, de alguma maneira, opressão, seja por meio de ridicularização ou subjugação.

4.3 O “homem” como medida padrão para o cenário esportivo: necessidade de desconstrução?

Por fim, a reportagem “Katie Ledecky é muito boa porque 'nada como um homem' (nossa!) Ryan Lochte” foca na comparação da mulher com o homem:

Katie Ledecky conseguiu o ouro batendo o recorde mundial nos 400m livres. Esta jovem, que já havia ganhado um ouro olímpico aos 15 anos, tem nove títulos mundiais e bateu 12 recordes mundiais com menos de 20 anos, **deve todo seu sucesso ao fato de nadar “como um homem”**. Pelo menos, assim afirmou o também nadador Ryan Lochte, destacando que isso é o que a diferencia das outras. **“Nada como um homem. Sua braçada, sua mentalidade, sua força... não vi isso em nenhuma outra garota.”** Sem comentários. (EL PAÍS-BRASIL, 2016, grifos nossos).

De acordo com Ryan Lotche, a nadadora Katie Ledecky (que, inclusive, foi campeã olímpica mais jovem do que comparado à idade de conquista do título pelo nadador) apenas conseguiu a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio, pois ela seria “mais forte”, “mais veloz” tal como os homens. O nadador, além de menosprezar a classe feminina como um todo, parece não reconhecer o mérito da atleta que se dedica ao esporte desde os 6 anos de idade e não perde uma prova desde os 13 anos.

Dessa maneira, percebe-se a subjugação da atleta e de seus méritos, assim como tudo que é considerado feminino. Segundo Weeks (1999 apud BARRETO 2016) o gênero também é uma relação de poder, em que tudo que é considerado como feminino é um produto de poder dos homens. O esporte também é produto de poder masculino, por isso a falta de visibilidade ou a comparação da performance de mulheres, tendo o masculino como padrão, pode ser considerada como um dos vieses da opressão feminina. Parece ser essa a representação que perpassa a fala do nadador ao analisar a performance da atleta, pois ela “deve todo seu sucesso ao fato de nadar “como um homem”.

Além disso, resgatando o conceito de gênero por Scott (1995), em que as construções sociais sobre homem e mulher geram relações de poder, nota-se no esporte uma distinção entre o masculino e o feminino. As representações produzidas para o primeiro remetem a características de força, agilidade e rapidez. O segundo termo apresenta produções socioculturais que atribuem valores de graça, leveza e precisão (GONÇALVES, 2008). Na reportagem analisada, o fato de ter sua performance atribuída a “Nada[r] como um homem” parece justificar a potência de sua “braçada, sua mentalidade, sua força...” pois, como força, potência e racionalidade são atributos de gênero esperados para homens, são características que o nadador parece ocultar quando aparentes em mulheres “não vi isso em nenhuma outra garota”.

A partir da lógica binária, o homem passa a ser considerado como “superior” em relação à mulher. Segundo Goellner (2016), esse raciocínio se aplica no esporte, partindo da premissa que o homem, por ter níveis mais elevados de testosterona, possui melhor rendimento atlético, é mais forte e mais veloz. Dessa maneira, quando Ryan Lotche destaca características como “sua força”, a compara com um homem, pois mulheres são consideradas inferiores e pressupõe-se que não conseguem ser tão fortes.

Ainda a partir dessa premissa, e levando em conta modalidades esportivas consideradas como masculinas, não raro percebemos diversas maneiras de desqualificar o

feminino por meio de construções sociais sexistas. Jogadoras de futebol e rúgbi, por exemplo, são comparadas a homens e possuem sua sexualidade questionada, pois, por praticarem tais esportes não poderiam ser consideradas como “mulheres” (MOURA et al., 2017; LOVISOLO et al., 2010).

Furlan e Santos (2008) demonstram isso no seu estudo ao entrevistar estudantes que jogavam futebol. Muitas meninas relataram como há preconceito por parte da família das atletas, pois acreditam que se trata de um esporte “de meninos”, enquanto outros familiares duvidam de suas capacidades em quadra apenas porque elas são meninas.

Em alguns casos nos deparamos com dizeres de que o futebol feminino não é tão interessante quanto o masculino e que as atletas não são tão “talentosas”. Segundo Lovisolo e Soares (2006), jornalistas chamam a atenção do esporte feminino para o corpo das mulheres por medo de que o homem perca sua identidade, construída em oposição às mulheres – enquanto o homem é másculo e viril, a mulher é delicada e frágil.

Quando uma atleta mulher demonstra capacidades como força, velocidade e agilidade parece que, por alguns discursos sociais, devem ser comparadas ao homem, pois assim se distinguiria o masculino e o feminino, principalmente no esporte. Como, para o pensamento social, os homens são os “detentores” da força desde o começo da inserção feminina no cenário de alto rendimento, atletas mulheres com corpos e performances acima da média passaram a ser submetidas a diferentes exames para comprovar seu gênero (GOELLNER, 2016).

Porém, sabe-se que hoje em dia essas ideias estão sendo desconstruídas. Mulheres competem nas mesmas modalidades que homens, treinam com e como eles e conquistam legitimidade. Portanto, qual a razão de ainda compará-las a homens? Só são muito boas por que são “como homens”?

Assim, visto que na atualidade mulheres apresentam, cada vez mais, altas performances não há necessidade de compará-las aos homens. As análises deveriam focar no seu desempenho e no trabalho técnico, tático e físico que toda/o atleta se submete para se destacar no contexto dos Jogos Olímpicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado percebemos que existem indícios de que o esporte foi criado apenas para os homens. Porém, ao longo dos anos, as mulheres conseguiram seu espaço nesse meio, sem, no entanto, alcançarem o mesmo prestígio e respeito que o gênero masculino. Assim, apesar do esporte ser um campo que pode promover a “igualdade” entre os gêneros, também reproduz preconceitos e estereótipos. A partir disso, tivemos a ideia de aproveitar a visibilidade que os feminismos têm ganhado na sociedade para observar como eles podem desconstruir o esporte de alto rendimento, a partir dos conceitos de gênero apresentado por Scott e de machismo, por Castañeda.

Para que este trabalho fosse possível, foi elaborada uma revisão de literatura a fim de identificar autoras, tais como Goellner e Mourão, que tematizam questões norteadoras, como a teoria de gênero, o machismo e a subjugação do feminino junto ao universo esportivo. Para isso, como palco para as análises estabelecemos os Jogos Olímpicos para questionarmos como as relações entre atletas profissionais se estabelecem a partir da categoria gênero. Escolhemos a última edição das Olimpíadas para analisar se o esporte de alto rendimento ainda (re)produz machismo.

Nos propusemos a analisar reportagens veiculadas sobre a participação feminina nos Jogos Olímpicos “Rio 2016”, examinadas a partir da temática de análise de discurso. Primeiramente, foram separadas 9 reportagens veiculadas no *web* jornal *El País* – Brasil, em seguida, percebemos que haviam reportagens com assuntos em comum, então as organizamos em 3 categorias.

Evidenciamos que as reportagens reproduzem o machismo existente na sociedade. Na primeira reportagem, o fato de um homem ridicularizar o corpo da jogadora, na tentativa de enquadrá-la no padrão corporal “esperado” de uma atleta, percebe-se uma das vertentes do machismo: a tentativa de controle sobre o corpo da mulher.

A segunda reportagem é explícita em relação à subjugação do feminino. Todo o trabalho da atleta foi desconsiderado, como se ela fosse “incapaz” de conseguir algo sozinha, sem um homem. Ou seja, apesar DELA ter treinado horas contínuas todos os dias durante semanas, a alimentação regrada, as dores que ELA sentiu, insistem em dar o mérito para o seu técnico?

Já na terceira, há uma comparação com o masculino, em que, naquele universo, uma mulher só é boa nadadora/atleta porque se parece com um homem. Mostrando que, apesar de

tantas mudanças no cenário esportivo, ainda há a ideia de que é natural ao gênero masculino ter força, velocidade e agilidade, então quando uma mulher apresenta esses atributos, é estranha e foge do padrão “delicada” considerado como o esperado do feminino.

Portanto, a hipótese inicial desta pesquisa de que a representação midiática dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (re)produz machismo parece ser confirmada. As reportagens (todas escritas por homens) são carregadas do discurso binário homem-mulher, em que o feminino é inferior ao masculino, sendo, assim, subjugado. Além disso, percebe-se o machismo a partir da necessidade de controlar a mulher, exercendo, assim, “poder” sobre ela.

Por fim, percebe-se a necessidade da continuidade de estudos nessa linha para que, cada vez mais, pessoas entendam o mundo esportivo como cenário transpassado pelas relações de gênero e criem-se ações para diminuir as desigualdades e preconceitos existentes no esporte de alto rendimento.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 11, jul./dez. 2006.
- AZEVEDO, J. **Metodologias qualitativas**: análise do discurso. Editora: Porto, 1998.
- BARRETO, S. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. **Observatorio Journal**, Pernambuco, v. 10, n. 1, p. 137-149, 2016.
- CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 2095-2103, 2010.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- BRASIL. Senado Federal. **A violência contra a mulher**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/a-violencia-contra-a-mulher>>. Acesso em: 09 dez. 2017.
- BRASIL. Lei N° 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 3 set. 2018.
- CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa, 2006.
- CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 15, p. 679-84, out. 2006.
- CELLARD, A.; tradução de Ana Cristina Nasser. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- DA PENHA, M. **Relógios da violência**. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- DE MOURA, G. X. et al. Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivivência**, Maringá, v. 29, n. 50, p. 17-30, mai. 2017.
- DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo: Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, 1980.

FERRERO, C. Os 9 títulos mais machistas dos Jogos Olímpicos do Rio. **El País Brasil**, [S.l.], 10 ago. 2016. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/estilo/1470770467_506561.html>. Acesso em: 9 dez. 2017.

EL PAÍS BRASIL. El País, o jornal digital em espanhol mais lido do mundo. **El País Brasil**, Madri, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/22/actualidad/1479853627_478107.html>. Acesso em: 5 abr. 2018

FERNANDES, V. Mulheres em Combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. trim. 2015.

FRICKE, G. Pepê lembra caso com Ingrid na Rio 2016 e diz que machismo prejudicou saltadora. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 5 abr. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/projeto-toquio/noticia/pepe-lembra-caso-com-ingrid-na-rio-2016-e-diz-que-machismo-prejudicou-saltadora.ghtml>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

GALEAZZI, I. Mulheres Trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero. **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre, v.1, n.1, p. 61 - 68, 2001.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n 108, p. 29-38, jan./mar. 2016.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes. Questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/ago. 2007a.

GOELLNER, S. V. O Esporte e a Cultura Fitness como Espaços de Generificação dos Corpos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife. **Anais...** Recife: Editora, 2007b.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, n. 4, dez. 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. *Revista administração de empresa*, Vol.35, no.3, São Paulo Maio/Junho 1995.

GONÇALVES, A. L. Gênero e história das mulheres na historiografia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p.1107-1133, set/dez - 2008.

HIRAKATA, V; MANEGHEL, S. Feminicídios: homicídios femininos no Brasil. **Revista Saúde Pública**. Porto Alegre, v.45, n.3, p. 564 - 574, 2011.

HIRATA, H. et al. **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49 - 64, jul./dez. 2007.

IPEA. **SIPS Sistema de Indicadores de Percepção Social**: tolerância social à violência contra as mulheres. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2017.

JAEGGER, A. A. Gênero, Mulheres e Esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, jan./abr. de 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOVISOLO, H. et al. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e sociedade**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 13, fev. 2010.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 3, p. 165-191, sep/dec. 2006, pp. 165-191.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai./ago. 2004.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

MOURA, D. L. et al. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n 13, fev. 2010.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, Ano VII – nº 13. 2000.

MOURÃO, L. As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

OLIVEIRA, G; CHEREM, E; TUBINO. M. J. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, p. 117-125, 2008.

PRADO, V; ALTMANN, H; RIBEIRO, A. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas – Tendências mundiais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11-35, mai./ago. 2003.

PORTO ALEGRE. Informe ped: Mulher (2000). Disponível em:
<<https://www.fee.rs.gov.br/ped/desempenho-do-mercado-de-trabalho-na-rmpa-em-2001/>>.
Acesso em: 30 abr 2018.

PROCÓPIO, L; VALENÇA, J. Machismo invisível e exercício profissional. In: XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES: GÊNERO E SEXUALIDADES, 1., 2016, Campina Grande.

RISCADO, L. C.; PERES, S O. “Contribuição da categoria gênero para os estudos sobre adolescência e juventude no âmbito da psicologia e das ciências sociais como meio de evidenciar a permanência das desigualdades e a necessidade de enfrentar a exclusão social”. **Revista Ártemis**, Rio de Janeiro, v. 9, p.77 - 91, dez. 2008.

SALVINI, L.; JÚNIOR, W. M. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan/mar 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-91, jul/dez 1995.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 9, p.171-188, mar. 2007.

SOUZA, M. T. O.; CAPRAO, A. M.; JENSEN, L. “Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo”: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 39, n. 4, p. 355-361, 2017.

SOUZA, D. R. Estudo comparativo dos níveis de flexibilidade em goleiros de handebol e indivíduos sedentários. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 3, n.1, 2009.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas**, Santa Catarina, ano 9, p.460-482, 2001.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO A – REPORTAGENS NA ÍNTEGRA

5. Saltar, correr, andar, dormir, no hacer nada o hacerlo todo... da gusto verla en general.



– Allison Stokke, a atleta que vai prender você no salto com vara no Rio 2016 – *Marca Buzz*

“Será que Allison é a atleta mais bonita do mundo?” Com esta frase começa um ‘artigo’ do site *Marca Buzz* cujo único objetivo é coisificar a saltadora Allison Stokke. Sem citar em nenhum momento suas conquistas esportivas, o post se limita a inserir fotos da atleta treinando, retiradas de seu Instagram e acrescentando comentários como: “Sem dúvida está em forma”, “O salto

com vara espera por você... e por meio mundo” ou “traga ou não medalha, ficaremos orgulhosos dela”. Outros tantos artigos circulam na rede limitando-se a analisar seu físico. Até sua página na Wikipedia dá mais protagonismo a sua fama na Internet como “ícone sexual” do que em analisar sua trajetória esportiva.

/



- A “mulher de” que ganhou o bronze – *Chicago Tribune*

“A mulher de um jogador dos Bears ganhou hoje uma medalha de bronze na Olimpíada do Rio”, tuitou o *Chicago Tribune* depois que a atiradora norte-americana Corey Cogdell ficou com o terceiro lugar na categoria de tiro ao prato. Nem esse mérito nem o fato de ter ficado com a mesma medalha nos Jogos de Pequim pareceram suficientes para o jornal para mudar de

ideia de apresentá-la como “a mulher de” nas redes sociais. Apesar de o texto escrito pelo jornalista Tim Bannon incluir o nome da esportista no título, abreviou as conquistas anteriores de Cogdell e preferiu destacar que é casada com o jogador de futebol americano do Chicago Bears Mitch Unrein. Os leitores não demoraram para reclamar nas redes sociais, propondo títulos alternativos e denunciando que “seu nome não é ‘esposa de um jogador dos Bears’”. Seu nome é Corey Cogdell. Abaixo os títulos sexistas”.



- Hosszu, a nadadora que bateu o recorde mundial “graças a seu marido” – NBC

No sábado passado, a nadadora húngara Katinka Hosszu quebrou o recorde mundial nos 400 metros, um feito que conseguiu “graças a seu marido”, segundo alfinetou ao vivo Dan Hicks, comentarista da rede de TV

NBC. “Ele é a pessoa responsável por este triunfo. É preciso notar como mudou a motivação dela desde que começou a ser treinada por ele. É medo ou confiança o que a está ajudando neste processo?”, comentou o jornalista. Parece que Hicks esqueceu que a nadadora já foi campeã da Europa em 2010 (para citar apenas um dos títulos que ostenta), dois anos antes que seu atual marido começasse a treiná-la e três anos antes de se casar com ele.



– De “gostosas internacionais” a “atletas olímpicamente atraentes” – *El Mundo*

A manchete que apresentava as “gostosas internacionais nos Jogos Olímpicos do Rio” foi uma das mais polêmicas. Depois de incendiar as redes sociais, o jornal *El Mundo* decidiu mudar o título da galeria de fotos para “a lista de atletas olímpicamente atraentes”. O jornal considerou o problema resolvido mantendo na chamada um *interessante* aviso a

Gisele Bündchen: “Que a modelo não se acomode porque esta Olimpíada vem com um forte *sex appeal*”. As reclamações devido à continuidade do foco sobre o físico das atletas se repetiram no Twitter: “O [termo] ‘gostosas’ incomodou... Melhor colocar ‘olímpicamente atraentes’. + Ideaca, por isso que você é chefe!”, escreveu o usuário. Outros tuíteiros comentaram que o jornal também havia publicado o mesmo ranking na versão masculina (primeiro, também sob o título “gostosões” e, depois, com “atletas olímpicamente atraentes”).

A Associação para Mulheres no Esportes Profissional (AMDP, na sigla em espanhol) demonstrou sua “raiva” escrevendo uma carta aberta ao jornal com o título *Não são gostosas, são atletas* e exigiu um “pedido público de desculpas para o tratamento discriminatório, machista, sexista do artigo”, também compilando outros “comentários sexistas” contidos na publicação.

Los siete días de Mireia

Comienza hoy en una de las modalidades en las que tiene más posibilidades de medalla, por ello merece estar



– Uma foto de Mireia (muito) infeliz

— **Marca**

Com o título *Os sete dias de Mireia*, o jornal esportivo *Marca* publicou uma foto em que... bem, muitos não demoraram em identificar e denunciar o conteúdo sexual e machista. Os

usuários do Twitter perguntaram ao jornal se não havia uma foto melhor para ilustrar a notícia e o diretor da publicação, J. I. Gallardo, disse em um tuíte, que depois foi apagado, que "excitado é o que vê nessa imagem algo mais do que dois nadadores". Agora, o artigo mostra outra foto.



– **Katie Ledecky é muito boa porque "nada como um homem" (nossa!) – Ryan Lochte**

Katie Ledecky conseguiu o ouro batendo o recorde mundial nos 400m livres. Esta jovem, que já havia ganhado um ouro olímpico aos 15 anos, tem nove títulos mundiais e bateu 12 recordes mundiais com

menos de 20 anos, deve todo seu sucesso ao fato de nadar "como um homem". Pelo menos, assim afirmou o também nadador Ryan Lochte, destacando que isso é o que a diferencia das outras. "Nada como um homem. Sua braçada, sua mentalidade, sua força... não vi isso em nenhuma outra garota." Sem comentários.

REPORTAJE - JUEGOS OLÍMPICOS 2016
JUEGOS OLÍMPICOS

Las muñecas suecas

Las chicas del país escandinavo llaman la atención en la Villa Olímpica. Cuando aparece un grupo de rubias y de ojos claros, se llevan la atención de todos. Mira las fotos de la delegación de Suecia.



– “As bonecas suecas” – *Olé*

O jornal argentino *Olé* apresentou as atletas escandinavas como “as bonecas suecas”. Um “grupo de loiras e de olhos claros que chama a atenção de todos na Vila Olímpica”. Além do título, o conteúdo do artigo cobria o jornal de glória: “Loiríssimas, olhos claros por todos os lados e figuras estilizadas fizeram com que os presentes se virassem para vê-las. Isso

não significa que outros países, como o nosso, não tenham suas belezas. Mas as bonecas suecas captam a atenção dos olhos humanos”. Quem se importa como elas competem? Para que divulgar uma notícia que analise suas habilidades esportivas se é possível resolver a coisa com um par de fotos e dois comentários sobre a cor do cabelo?

3. No momento es bonita, también es muy buena jugadora de voleibol y juega en la selección nacional de su país.



– Atletas que, além de bonitas, são atletas — Vários

Vários meios de comunicação latino-americanos apresentaram a jogadora de vôlei Winifer Fernández como uma mulher que “não é apenas bonita, mas

também muito boa jogadora” (como pode uma atleta profissional ser boa no que faz?). Embora Fernández tenha ficado de fora dos Jogos Olímpicos do Rio, esta e outras manchetes machistas percorreram vários veículos dias antes dos Jogos. Basta colocar seu nome no [Google](#) para comprovar que muitas publicações lamentam “não poder ver seu físico desfilar no Rio”, enquanto a apresentam como “a dominicana sexy” ou “a bomba do vôlei que esquentas as redes” sem esquecer de avisar seus leitores: “Cuidado, você pode se apaixonar!”.